

Tratamento oral pode estar a caminho Nova abordagem dos diabéticos insulino-dependentes em estudo

Um sistema nanométrico que evita a degradação do comprimido na passagem pelo estômago pode permitir o tratamento da diabetes por via oral. A descoberta resulta de um trabalho elaborado pela investigadora Ana Catarina Reis.

Por Sara Pelicano

O transporte da insulina de toma oral no organismo tem sido um problema para os investigadores, devido aos ácidos do estômago que desfazem os comprimidos. A solução parece ter sido agora alcançada pela investigadora farmacêutica do Departamento de Ciências Farmacêuticas da Universidade Lusófona, Ana Catarina Reis, que desenvolveu um sistema nanométrico, possibilitando a administração oral da insulina. O trabalho de Ana Catarina

Reis concebeu uma protecção da insulina durante a nanoencapsulação, liofilização e libertação, evitando a degradação proteolítica durante a passagem pelo tracto gastrointestinal. A avaliação toxicológica e metabólica, realizada em animais, comprovou uma boa tolerabilidade e ausência de interferências no metabolismo da glucose no fígado.

A investigação de Ana Catarina Reis foi distinguida, dia 1 de Março, com o prémio

Bluepharma/ UC. Criado em 2003, o prémio resulta de uma parceria entre a farmacêutica e a Universidade de Coimbra e tem por objectivo distinguir trabalhos de investigação na área das ciências médicas. O número de doentes diabéticos, em Portugal, ultrapassa os 500 mil, sendo muitos deles dependentes de insulina. A administração oral poderá contribuir para um aumento significativo da qualidade de vida dos doentes.

Otites médias crónicas

Variações de pressão atmosférica estão na origem

Uma membrana timpânica mais fraca e variações de pressão atmosférica estão na origem da otite média crónica, segundo um estudo do Serviço de Otorrinolaringologia (ORL) do Hospital CUF Infante Santo.

Por Sara Pelicano



Foto André Roque

O trabalho valeu a João Paço a distinção *Vice-President Award 2008*, atribuído pela Academia América de ORL durante o congresso da mesma entidade, realizado em Chicago em Setembro último.

O otorrinolaringologista João Paço dirigiu uma equipa de cinco médicos do Centro de Otorrinolaringologia (ORL) do Hospital CUF Infante Santo que levou a cabo uma investigação sobre as causas para as otites médias crónicas. "Fizemos um trabalho sobre a membrana do tímpano e descobrimos que há zonas do tímpano mais fracas do que outras", contou o médico responsável à SEMANA MÉDICA. "São as regiões posteriores da membrana timpânica, que por terem uma almarragem timpânica mais fraca e, sobretudo, por sofrerem maiores deflações em consequência das variações de pressão atmosférica" estão mais sujeitas à doença, acrescentou. Esta correlação

de factores foi comprovada através de avaliações em cadáveres, mas também com a clínica e por tomografia computadorizada. A doença surge maioritariamente nas crianças, verificando-se um desenvolvimento na fase adulta. Os sintomas mais comuns são a perda de audição e "otorreia, ou seja, a emissão de um líquido, muitas vezes fétido, pelo ouvido, acompanhado de dores", explica João Paço. Detectados estes sintomas, a cirurgia é o passo seguinte. Nesta colocam-se "tubos de ventilação para evitar o desenvolvimento da doença", comenta o especialista, assinalando que este é já um procedimento muito utilizado em Portugal.